

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

LISBOA

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Gevaert — O Dictionario Biographico de Musicos Portuguezes — Notas vagas — Diogo de Belmonte e Diogo Gonçalves — A Orchestra Philarmónica de Berlim — José Relvas — Colyseu dos Recreios Santa Irmandade (poesia) — Concertos — Noticiario — Bibliographia — Necrologia.

GEVAERT

Muito menos fecundo mas por isso mesmo muito mais sério e verdadeiro do que Fétis não foi, tem todavia com elle muitos pontos de similhaça o seu successor na directoria do Conservatorio de Bruxellas, Francisco Augusto Gevaert.

Nasceu este sabio musico a 31 de julho de 1828, na aldeia de Huyssa, perto de Andernade, na Flandres oriental, onde seu pae era padreiro. Estava destinado a exercer a mesma profissão, mas tendo na infancia entrado para moço do côro na egreja principal da sua terra, taes disposições mostrou para a musica e em geral para o canto, tão vehementes desejos mostrou de aprender musica a fundo, que os paes o mandaram frequentar o Conservatorio de Gand em 1841. Em pouco tempo alcançou o primeiro premio de piano, estudou harmonia e obteve o logar de organista n'uma egreja da cidade.

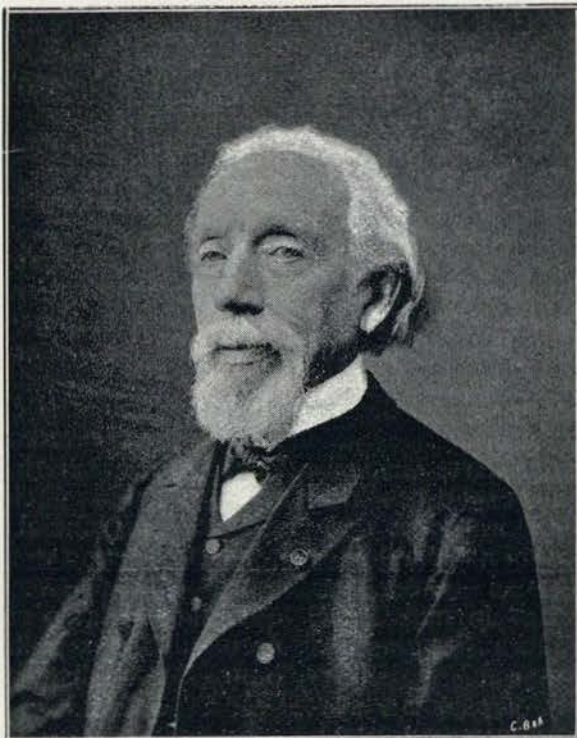
A sua estreia como compositor foi uma peça de musica religiosa que se cantou na noite de natal de 1846 n'uma egreja de Gand.

Tendo obtido o grande premio de composição em Bruxellas, aproveitou a pensão

do governo para viajar em França e Hespanha, indo depois a Italia e Allemanha.

De regresso a Paris poudé ali fazer representar em 1853 uma opereta — *Georgette* — e no anno seguinte uma opera comica em tres actos — *Le Billet de Marguerite* — que obteve brilhante exito e fez notavel carreira nos theatros de França. Apresentou tambem outra opera comica que agradou bastante — *les Levandières de Santarem* — cuja acção

de completa phantasia, se passa na nossa cidade ribatejana. D'ahi por diante fez representar muitas outras operas comicas, publicando tambem grande numero de composições diversas, principalmente côros orpheonicos em francez e em flamengo. Em 1863 publicou-se o seu grande Tratado de Instrumentação, que é muito estimado. Foi por algum tempo director da Opera de Paris, e como esse logar o inhibia de fazer cantar operas suas, dedicou-se com mais ardor ao estudo da historia e archeologia musicas, para o qual te-



ve sempre gosto especial.

Em 1870 deixou Paris e no anno seguinte, por morte de Fétis, foi nomeado director do Conservatorio de Bruxellas.

Os seus profundos trabalhos de musicographo estão principalmente consubstanciados na grande obra intitulada *Histoire et Théorie de la Musique de l'Antiquité*, trabalho de grande erudição, feito com a mais rigorosa consciencia, em que todos os res-

tos conhecidos da antiga musica grega estão fielmente reproduzidos e traduzidos, e em que a obscura e tão controvertida theoria da musica grega está exposta com grande clareza e sem grandes divagações hypotheticas.

Muitos outros trabalhos tem Gevaert publicado que lhe deram a consideração de ser não só o mais sabio musico da actualidade, mas tambem aquelle que entre antigos e modernos merece maior credito pelo rigor e probidade da sua critica.

E. VIEIRA.



O Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes

Que elle não ficará completo nem perfeito apesar dos meus bons desejos, já eu o disse no respectivo prefacio; assim como accrescentei que no emtanto tem ido muito mais longe do que eu esperava. «Circunstancias de ordem material me obrigam a deixar lacunas que muito bem reconheço e imperfeições que não posso ou não sei evitar», são as razões que alleguei e allego em justificação d'essas lacunas.

O sr. doutor Sousa Viterbo, cujas amáveis referencias muito me penhoram, dedicado investigador de minuciosidades historicas, póde preencher algumas das minhas confessadas faltas; bem haja porque o faz, com o que presta relevante serviço á causa commun, que é a historia da arte nacional. Tambem já aqui mesmo lhe testemunhei o apreço em que tenho, como todos devem ter, o seu paciente trabalho.

No precedente numero da «Arte Musical» sahiu um d'esses miudos mas saborosos fructos da paciencia investigadora do sr. doutor Viterbo, em que nos dá noticia de ter existido um Elias de Lemos que em 1577 obteve privilegio para ninguem mais fazer, vender ou mandar vir de fora instrumentos e órgãos. Com essa noticia fica mais uma vez documentalmente provado que o systema de monopolio para *animar* a industria, não é invenção de hoje nem de hontem.

Pela analogia do nome póde suppor-se que o tal monopolista dos órgãos musicaes seria um certo padre doutor, christão novo, que denunciou á Santa Inquisição os proprios parentes e até sua mãe! Facto assaz curioso para a historia das perseguições religiosas. Talvez até d'este fosse consequencia o primeiro, o qual teria então sido uma especie de premio ao zelo catholico do digno padre.

Todavia, se o documento encontrado pelo sr. Sousa Viterbo não diz senão que Elias de Lemos obteve o monopolio dos órgãos, não prova esse facto que o concessionario fosse organeiro e menos ainda que o fosse notavel a ponto de merecer registo na historia da arte. Quem sabe se elle não seria mais do que um commerciante açambarcador, especie de syndicateiro do século XVI? Padres e frades organeiros houve muitos, é certo; mas doutores por cima, seria talvez este o unico.

Entretanto, nunca me esteve na mente, desde que projectei o meu pobre trabalho, fazer d'elle uma extensa carta de nomes. Não tenho procurado encher-o só pela satisfação de produzir obra de tomo; pelo contrario, tenho eliminado e resumido muita materia por me parecer menos util. Simples nomes, tenho-os encontrado em barda: nas chronicas das ordens religiosas, nas «Provas da Historia Genealogica», no cartorio da irmandade de Santa Cecilia, nas innumeraveis composições que possuo e tenho visto, etc. Mas quando não encontro factos que alguma coisa interessante digam de quem usou esses nomes, vou-os deixando de remissa e muitos d'elles virão provavelmente a ser lançados no Lethes.

Só para conservar o respeito tradicional pela classica obra de Barbosa Machado, e tambem alguma vez para o corrigir, explicar ou notar a puerilidade e o exagero dos seus elogios, é que reproduzi todos os nomes exarados na «Bibliotheca Lusitana»; tambem os eliminaria em parte, se não me pezassem no animo os mencionados motivos.

Este plano que tenho seguido, mais justifica e torna interessantes as noticias subsidiarias do sr. Viterbo, que são especialidade da sua extrema paciencia, amor ao trabalho e collocação official.

N'este mesmo numero da «Arte Musical» honra-nos sua excellencia com outra pequenina perola do seu thesouro, longamente accumulado; seja bem vinda a offerta e a honra da collaboração.

E. VIEIRA.



NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XXV

De Lisboa.

Com varias nuvens no horisonte e alguma tristeza na alma começo hoje esta carta, onde não verá, boa amiga, como aliás eu

muito desejaria, um pouquinho ao menos d'essa graça atheniense que tão vivo realce dá aos assumptos e tanto poetisa as idéas...

Mas que quer? Decididamente a minha visão é doentia e turva, e em vão busco levantar os olhos até essas regiões ceruleas onde porventura a alegria habita e o entusiasmo canta...

Já me ocorreu ir fazer uma cura ao figado na supposição de que o mal venha d'ahi, apesar de a este nem de leve o sentir, o que parece indício de se manter elle em regular estado de conservação e de funcionamento; mas simultaneamente me vem a idéa de que será antes o coração o órgão achacado, porque esse sinto-o, oh se o sinto.

E se acaso a queixa d'ahi provém, doutores não entendem d'isso, e *doutoras* entendem de mais — o que tem também seu perigo...

Assim, o melhor será *ir indo* e esperar, o quê? não o sabe V. Ex.^a nem eu.

Posto isto, deixe-me dizer-lhe que este desabafo veio a terreiro, para lhe explicar o motivo pelo qual, por mais que queira, não consigo atinar com a forma jovial a dar a estas cartas.

Não ha plumitivo luso que em epistolas do genero d'estas, não tenha o seu caso comico a narrar, a sua anecdota ligeira a descrever, esmaltando d'este modo a successão dos periodos com o pó dourado de algum subtil conceito, repassado de ironia ou envolvido em espirito; a mim, minha senhora, negou-me Deus este dom, e mais depressa escrevo a pensar em lagrimas que a recordar sorrisos...

Até em coisas que de si são lindamente claras eu vou ás vezes, mesmo sem querer, descobrir o laivosito escuro!

Ainda hontem, por exemplo, entrava na exposição dos trabalhos apresentados pelos sympathicos e noveis pintores, que graças á benemerita Sociedade *Silva Porto* fizeram a sua primeira excursão artistica em pleno campo pintando o que viram e como viram, e ao dizerem-me que tão louvavel e patriótico esforço ainda não tinha encontrado na chamada grande imprensa senão palavras de reserva ou desfavor, e raros elogios ou parcos estímulos, não pude deixar de ver logo uma mancha negra no meio d'essa sala que a principio me apparecera cheia de luz, e puz-me a ter pena de Carlos Reis que dirigira, e de Falcão Trigoso, de Manuel Saude, e de Alves Cardoso que realisaram uma obra tão educativa e tão bella, e que em mais de uma téla onde fixaram as suas impressões da natureza e da paisagem, nobremente me estavam dando um eloquente exem-

plo do seu trabalho, do seu estudo, do seu talento.

E então pensei commigo: pois no caminho d'estes rapazes, onde já transparecem futuros artistas, em lugar de levantarem-se vozes amigas de confiança e de apreço, palavras de saudação e de respeito já poderam fazer ouvir-se mal disfarçadas invejas ou pequeninos despeitos, e não ha uma franca onda de admiração sincera que partindo do coração de todos arraste comsigo os ruins ou ignorantes propositos de quem ou não attinge o generoso e elevado ideal da benemerita associação nascente, ou não tem a alma bastante alta para sentir melhor?!

E lá se me foi n'um instante todo o contentamento intimo de que estava possuido, a ponto que ao sair d'aquelle esperançoso e animador certamen, humedecia-me os lábios o sabor amargo de uma bem justa e a custo represada colera...

*

Ah! querida amiga se n'esta nossa malfadada terra até para iniciativas d'estas se encontram pennas e jornaes, opiniões e espiritos para terem um movimento diverso do de um incondicional louvor, forçosamente devemos concluir que algum centro vital existe inquinado de degenerescencia putrida, e d'ahi esses farrapos negros de corpos em decomposição que vem á superficie e que, ninhos densos de microbios varios, mas todos de lethaes effeitos, produzem perturbações estranhas, que de todo desconcertam os observadores e cada vez mais entristecem os melancolicos...

Aqui tem, minha senhora, porque pessoalmente lhe appareço com este feitio rebarbativo e lugubre, e porque afinal não conseguirei jámais ser espirituoso e leve.

Ainda bem, louvado Deus, que semelhantes organizações, refugiando-se na contemplação bemdita de qualquer dos aspectos em que por felicidade se subdivide a Arte, recebem, umas pela musica, outras pela poesia, estas pela pintura, aquellas pela escultura, e ainda muitas pela sciencia, na sua ideação abstracta ou nas suas manifestações concretas, o supremo e alentador banho de belleza e de harmonia, mercê do qual se póde ir supportando a vida e diminuindo a morte, senão o que seria d'ellas!...

Que a Divina e Immortal Bondade a nenhum de nós, santa amiga, um só dia recuse este eucharistico e subtil consolo, e ambos nos julgaremos felizes, V. Ex.^a por meritos proprios, eu pela tolerancia alheia...

AFFONSO VARGAS.



Diogo de Belmonte e Diogo Gonçalves

I

Diogo de Belmonte

Convencido que é esta a primeira vez que tal nome apparece nos annaes da musico-graphia portugueza, d'outra sorte o sr. Ernesto Vieira, que tão deligentemente investigou e recapitulou tudo o que se havia publicado sobre a materia, telo-hia apontado no seu copioso e bem redigido *Diccionario*.

Diogo de Belmonte praticou a musica sacra, o que não é para extranhar, sendo ella que dominou quasi em absoluto até meados do seculo XVIII, em que a musica prophana attingiu o apogeu do seu esplendor nos theatros lyricos da nossa côrte. A magnificencia, que D. João V liberalisou á Patriarchal, applicou-a D. José I á Opera. A musica religiosa tivera até então um vastissimo campo de desenvolvimento, sendo professada theorica e practicamente por homens insignes, que encontraram incitamento e galardão á sua intelligencia e á sua actividade em tantas corporações, onde a arte de Palestrina constituia uma parte especial do seu organismo. As cathedraes, as collegiadas, as Ordens monasticas, as Ordens de cavallaria, os Hospitales, o de Todos os Santos, as Misericordias, e até as simples parochias, quando não tinham a sua capella, tinham pelo menos o seu tangedor de orgãos. Isto não fallando na capella real, que conservou quasi sempre a primasia sobre todas as outras. Disse capella real e talvez dissesse mais apropriadamente capella d'el-rei, porque outros membros da familia real, como as rainhas, os principes e até os infantes tinham a sua capella ordenada á parte.

Diogo de Belmonte foi cantor de D. Manuel, que em 31 de dezembro de 1505 o nomeou escrivão da correição da côrte. Em 28 de Novembro de 1517 foi nomeado mestre da capella da rainha, cargo que continuou no reinado de D. João 3.º. Na qualidade de mestre da capella da rainha D. Catharina encontrei a seguinte verba no Livro das despesas da mesma soberana:

« bj (seis mil) reaes a Diogo de Bellmonte, mestre da capella da dita senhora, por mandado de 14 d'outubro de 1528 e seu conhecimento aos X bj (16) do dito mez e anno.»

No desempenho do mesmo officio mandou fazer livros de canto a João Fernandez, clérigo castelhano e copista musical.

A 21 de julho de 1532 D. João 3.º lhe fez

mercê da tença annual de tres moios de trigo e a 7 de novembro de 1539 lhe concedeu ter ajudante no cargo de escrivão da corregedoria.

Diogo de Belmonte tinha uma filha, Leonor de Belmonte, casada com Diogo da Fonseca que exercia o officio de cantor, seu primo co-irmão. A este Diogo da Fonseca trespassou el-rei em carta de 6 de julho de 1548, os tres moios de trigo que tinha o sogro, o qual morreu por 1545. Não os recebeu desde logo, por fallecimento d'este, por haver duvidas a respeito da legitimidade do casamento, visto não se haver sollicitado dispensa do Papa. Para o cargo de escrivão de corregedoria, pela morte de Belmonte foi nomeado Francisco Ribeiro.

Eis os apontamentos que até agora pude colher para a biographia de Diogo de Belmonte.

II

Diogo Gonçalves

Outro musico desconhecido e em condições identicas ás de Diogo de Belmonte.

Diogo Gonçalves foi mestre de capella da rainha D. Leonor, mulher de D. João 2.º, irmão de D. Manoel.

Em 7 de junho de 1514 D. Manoel lhe mandou pagar no recebedor da sisa do trigo da cidade de Lisboa a quantia de oito mil reaes, que tinha de tença com o habito de Christo.

Do seguinte ha outro mandado de pagamento na importancia de dez mil reaes de tença.

D. João 3.º, em carta de 11 de março de 1526 lhe fez mercê de quinze mil reaes em sua vida, *os quaes sam dos seis centos mil reaes que m'ouve por bem que a rainha podesse doar de tença ás pessoas que a servirão e lhe ella em seu testamento deixou.*

Em 1542 ainda era vivo, pois n'esse anno renunciava em seu filho Lourenço Dias de Moraes os dez mil reaes que tinha de tença com o habito de christo. D. João 3.º em carta de 17 de junho do mesmo anno, confirmou essa renuncia. O instrumento d'esta foi assignado em Santarem a 27 de maio. Esta circumstancia poderia fazer suppôr que Diogo Gonçalves residiria n'aquella villa (hoje cidade), tão frequentada então pela nossa côrte. O estudo dos archivos e cartorios da localidade camara, extintos conventos, parochias, tabellionatos, deve produzir preciosos esclarecimentos para a historia geral e para a biographia de muitos homens illustres, que ali e nas proximidades possuíam propriedades e casas de habitação.



A Orchestra Philharmonica de Berlim

A proposito da proxima vinda a Lisboa da celebre orchestra alleman, cujo titulo encima este artigo, occorre-nos traduzir alguns fragmentos de uma notavel critica de Fernand Le Borne, escripta sob a natural impressão do enthusiasmo que em Paris levantou a apresentação da Orchestra Philharmonica na grande capital.

«... No Domingo ultimo fazia a cidade de Paris um acolhimento perfeitamente excepcional á orchestra da *Philharmonic* de Berlim e ao seu chefe, Arthur Nikisch. Poucas vezes pude ser testemunha d'um triumpho tão completo, tão universal e tão espontaneo.

A sala do Cirque d'Hiver parecia desabar com os applausos e interminaveis aclamações de que foi alvo a famosa Orchestra.

Pela minha parte ouvindo, encantado, a ouverture da *Léonore*, assim como a *Symphonia heroica*, perguntava a mim proprio se era possivel comprehender melhor e melhor interpretar o pensamento de Beethoven.

O mesmo direi das obras de Wagner, que figuravam no programma: a marcha funebre do *Crepusculo dos Deuses*, a ouverture dos *Mestres Cantores* e acima de tudo a symphonia de *Tannhauser*. Oh! esta symphonia, como a executaram maravilhosamente!

Certos detalhes, a que por assim dizer não se tinha ainda prestado attenção, como por exemplo a parte superior das trompas na peroração, sahiram com um brilho verdadeiramente luminoso. E devo accrescentar que n'esta peroração, Nikisch e a sua orchestra attingiram a mais elevada meta da Arte, parecendo a todos impossivel que se possa alguma vez pensar em subir mais alto.

Houve quem achasse exagero na gesticulação do eminente maestro. E' me impossivel partilhar essa opinião. O gesto de Arthur Nikisch é, em verdade, de uma grande precisão, d'uma absoluta clareza, d'uma energia e d'um calor que de forma alguma excluem a maxima elegancia e nobreza.

Quando decompõe os compassos, desenhando o contorno melodico ou rythmico de uma phrase, é somente para lhe incutir maior unção, mais relevo e mais força. E os resultados obtidos provam-nos superabundantemente que o resultado é inexcusavel.

«... Uma tal perfeição chega ao sublime

e constitue um dos mais encantadores regalos artisticos que se póde ambicionar.

Direi o mesmo da execução dos *Preludes* de Liszt que o eminente Nikisch conduz de forma arrebatadora e que produziram um effeito enorme...»

Pouco poderemos accrescentar ás palavras encomiasticas do illustre critico francez, fazendo notar apenas que algumas das obras que elle menciona, com tão entusiasmaticos louvores, vamos nós outros ter a fortuna de ouvir brevemente em S. Carlos.

Os programmas d'estas duas grandiosas solemnidades musicas são os seguintes:

1.º Concerto

(6 de Maio)

<i>Ouverture «Leonore» III...</i>	BEETHOVEN
<i>Les Preludes</i>	LISZT
<i>Symphonie N.º 5, C-moll..</i>	BEETHOVEN
a) Allegro con brio	
b) Andante	
c) Allegro	

<i>Waldweben</i>	WAGNER
<i>Ouverture «Tannhauser»...</i>	WAGNER

2.º Concerto

(7 de Maio)

<i>Ouverture «Freischütz»....</i>	WEBER
<i>«Tod und Verklarung»....</i>	RICH. STRAUSS
<i>Symphonie N.º 5, E-moll</i>	
op. 64.....	TSCHAIKOWSKY
a) Andante, Allegro con anima.	
b) Andante cantabile, con alcuna licenza.	
c) Valse. Allegro moderato.	
d) Finale. Andante maestoso.	

<i>Praeludium, Adagio, Gavotte, Rondó (fur Streichorchester)</i>	J. S. BACH
<i>Meistersinger (ouverture)..</i>	WAGNER

*

Como tem vindo annuciado em diversos jornaes, as assignaturas fazem-se na sede da casa Lambertini (P. dos Restauradores, 43 a 49) tendo preferencia até ao proximo dia 20, inclusive, os assignantes da opera lyrica.

GALERIA DOS NOSSOS

José Relvas



Eis aqui um medalhão que eu quizer engrinaldar de martyrios e saudades, para que a florida moldura dissesse um pouco mais do que as banalidades da minha prosa insulsa e chilra.

Coração aberto aos mais levantados ideaes, cerebro que a Providencia dotou de largas riquezas, alma d'artista sincero e seriamente orientado, é no

chrysol das grandes Dôres que elle tem sabido purificar as qualidades nobilissimas do seu alto espirito.

Foram ellas que o desterraram para longe de nós, foram ellas que abruptamente o puzeram quasi a sós com as suas musicas, com os seus quadros e com os seus livros, n'um devaneiar constante pela azulada immensidade do Ideal, onde só os escolhidos, como elle, sabem encontrar um tenue refugio para o desalento e um momentaneo esquecimento para as desillusões amargas da vida.

E por isso eu digo que para desenhar uma intellectualidade tão complexa e tão finamente vibratil, melhor seria enramar um punhado de saudades e martyrios em volta d'esse busto, do que tentar descrever com penna tão humilde a immensidade d'um tal espirito.

SCHAUNARD.

Colyseu dos Recreios

A momentanea impossibilidade de quem, por amabilidade muito para agradar, se costuma encarregar d'esta secção impede-nos de fazer a apreciação das primeiras recitas que tem dado a Companhia lyrica n'este Colyseu

No *cartellone* figuram nomes de cantores que hão de certamente agradar, dada a sympathia que o publico está manifestando pelos espectaculos lyricos d'este Colyseu.

Eis o elenco dos artistas :

Sopranos dramaticos: — Adelina Colombini, Adelia Giuliani e Angela Penchi.

Sopranos ligeiros: — Maria Galvany e Enriqueta Aceña.

Tenores: — Giovanni Peirani e Luigi Ceccarelli.

Barytonos: — Pietro Giacomello e Emilio Cabello.

Baixos: — Agustin Calvo e Manuel Candela.

Maestro: — Vincenzo Petri.

Maestro de côros: — José Loriente.

SANTA IRMANDADE

(Virginia Suggia)

Eil-a! É a irmã d'uma bemdita aurora!
E tal como ella, encantadora e linda!
Astro que vae pela existencia fora,
Traçando ao lado uma espiral infinda!

Podia acaso refulgir sósinha,
Luctar, vencer, em separado trilho.
Para quê, se assim tambem é rainha?
Se não se offusca pelo alheio brilho?

Depois, aquella que ascender mais alto,
E em plena gloria triumphal pairar,
Sorrindo á outra — e projectando o salto,
Como alma gemea — far-lhe ha logar...

11 Abril 1901.

AFFONSO VARGAS.

CONCERTOS

A 2 do corrente mez teve logar, como se annunciara, o 2.º *Recital* que a casa Lambertini offereceu aos seus clientes e amigos.

O solista escolhido foi o professor Léon Jamet que mostrou no Harmonium os seus recursos artisticos e mais uma vez confirmou os seus bons creditos.

Os numeros que maior agrado obtiveram foram o *Prelude, fugue et variation de Franck* (com piano) e as magnificas fugas de Bach e Lemmens.

Estava largamente representada a imprensa diaria, a quem agradecemos cordealmente as referencias amaveis que se dignaram fazer ao nosso director e ao seu emprehendimento.

*

Conforme previramos no nosso numero anterior, tem sido lisongeiro ao mais alto ponto o interesse que o publico amador tem manifestado pelos Concertos de musica de camara de Arbós, Rubio e Colaço, coadjuvados por Andrés Goni e Antonio Lamas.

No proximo numero nos occuparemos largamente d'elles, como merece uma tão bella iniciativa.

NOTICIARIO

Do paiz

Tivemos a honrosa visita do eminente pianista allemão, Albert Friedenthal, que na sua passagem para Buenos Ayres, onde vae dar uma serie de concertos, quiz distinguirmos com uns momentos de agradavel conversação, apresentando-nos cartas muito penhorantes para a Redacção da *Arte Musical*.

Tendo-se demorado poucas horas n'este porto o *Orellana* em que veio o notavel concertista, não o podemos ouvir d'esta vez, promettendo-nos porém uma *séance* para a sua volta da America.

Esta *séance* terá logar em agosto e constituirá uma das audições da casa Lamber-tini.

●

Com uma carta extremamente amavel do sr. Conde de Sabugosa, receberam as sympathicas concertistas D. Guilhermina e D. Virginia Suggia, uma lembrança de S. M. a Rainha, com que a excelsa Senhora pretendeu manifestar o prazer que lhe causou a audição effectuada no Paço ha dias.

Consistiu a lembrança em duas graciosas pulseiras com pequenos brilhantes e rubis.

As provas de apreço, como esta, e principalmente o enthusiasmo com que as irmãs Suggia foram recebidas em Lisboa devem ter-lhes proporcionado uma legitima e merecida satisfação. E, com franqueza o dizemos, pena é que, a par do platonismo do applauso, não nascesse no espirito de quem podia pol-a em pratica, alguma ideia mais prosaica mas porventura mais proveitosa para as gentis artistas, como por exemplo, o assegurar-lhes um subsidio que lhes permittisse durante 2 ou 3 annos ir lá fóra aperfeiçoar preciosos dotes que aqui não podem adquirir cabal desenvolvimento.

Essa seria uma ideia altamente patriotica e digna por tanto do mais incondicional applauso de todos aquelles que as poderam admirar e applaudir em Lisboa.

●

No regresso da sua grande *tournee* pela America, encontra-se actualmente em Berlim o nosso bom amigo e illustre barytono, D. Francisco de Sousa Coutinho.

●

Uma justa causa que a «Arte Musical» ultimamente defendeu foi attendida pela autoridade competente, pelo que nos congratulamos com os interessados. Determinou-se superiormente que os mestres de musica militares tenham a continencia devida á sua categoria de officiaes subalternos, e que injustamente lhes era negada como em artigo especial dissemos no nosso numero 52.

Esta pretensão individual está satisfeita, e bom é que o esteja; mas parece-nos que a collectividade tem ainda alguma cousa que desejar em mais de um ponto. É por isso provavel que tratemos ainda do assumpto.

Do estrangeiro

Uma benemerita sociedade de concertos populares estabelecida em Londres celebrou ha poucos dias o seu 23.º anniversario dando o millessimo concerto.

Esta sociedade realisa as suas audições nos bairros mais pobres e populosos da grande cidade, estabelecendo os mais baixos preços que seja possivel para cobrir apenas uma parte das despesas. No mencionado festival, além da «Sonata» em fá, de Beethoven, para piano e violino, do «Concerto» para violino, de Max Bruch e de um «Improviso» de Schubert, ouviu-se com grande interesse *A Rustice Wedding* (Um Casamento Rustico), composição symphonica do on. Norman Grosvenor, um dos originaes fundadores da Sociedade.

●

Inaugurou-se ultimamente em Londres o theatro «Apollo», que é o cumulo do aperfeiçoamento n'esta especie de edificios. O publico gosa ali de todo o conforto que se possa desejar: uma temperatura suavemente quente e igual em toda a sala e suas dependencias, sem correntes de ar embora este se renove constantemente; macios e ricos estofos em todas as cadeiras, divans e poltronas na galeria e vestibulos, iluminação sem focos apparentes para não ferir a vista. No palco ha as mais engenhosas e delicadas machinas para todos os effeitos scenicos, incluindo as mais rapidas transformações. A orchestra, cuja collocação foi inspirada pelo primitivo modelo de Bayreuth, está disposta sobre um *rostrum* apoiado em pés

de crystal; no nivel inferior estão os instrumentos de metal e de percussão; no segundo degrau enfileiram-se os contrabaixos e instrumentos de madeira, sobresahindo na parte mais alta os violinos, afim de que os seus debeis sons se elevem primeiro que todos e não sejam abafados pelos dos instrumentos graves e estridentes.



Os alumnos da *Scola Contorum* de Paris organisaram em 2 de Abril uma festa musical em homenagem ao eminente organista, Alexandre Guilmant.

A direcção da orchestra estava a cargo do nosso compatriota e illustre artista, Francisco de Lacerda, que n'esta nova phase do seu talento se mostrou á altura da elevada missão que lhe foi confiada.



BIBLIOGRAPHIA

Continuamos a receber a excellente publicação *O Occidente*, a cujos editores muito agradecemos a remessa.

O n.º 801 publica as seguintes primorosas gravuras: Retrato de S. A. o Principe Real D. Luiz Filipe; A actriz Palmyra Bastos em diferentes papeis do seu repertorio: o actor Augusto Mello; D. João Bosco; Projecto do edificio para as officinas de S. José; Uma Zingara.

A parte litteraria compõe-se dos seguintes artigos: Chronica Occidental, por D. João da Camara; As nossas gravuras; O Real Theatro de S. Carlos, por Francisco da Fonseca Benevides; D. João Bosco, por D. Francisco de Noronha; Fã sustentado, por Alphonse Karr; Sciencia Moderna, por Antonio A. O. Machado; Publicações, etc.



Outra publicação do mais alto interesse e que não hesitamos em recommendar aos nossos leitores é a revista mensal d'ethnographia portugueza, que se publica em Serpa, sob o titulo de *A Tradição*.

E' um precioso repositório de todos os assumptos ethnographicos e populares e o numero que temos sobre a meza contem valiosos artigos de Trindade Coelho, Dias Nunes, D. Maria Velleda, Ladislau Piçarra e outros distinctos escriptores.

O *folklore* portuguez deve tambem muito a esta bella revista, pelos specimens interessantissimos da musica popular, que vem

insertos na mór parte dos numeros publicados.

A *Tradição* conta já tres annos de existencia.

NECROLOGIA

Falleceu no Porto, victimado por uma pneumonia dupla, um pianista de merecimento, Lourenço de Magalhães.

Collaborou tambem em diversos jornaes, como critico musical.



Um violinista e compositor muito estimado em Dresde, Adolpho Gunkel, foi assassinado a tiros de revolver que sobre elle disparou uma joven ciumenta e despeitada com o seu desprezo.

Gunkel era primeiro violino no theatro da Opera Real desde 1887, e tinha composto uma opera lyrica — «Attila» — que se ouviu n'aquelle theatro com bastante agrado em 1895; deixou inedita mas completa uma opera comica — «Jean Barth» — e outra incompleta.



Morreu subitamente em Verona, no dia 31 de março, o compositor inglez sir John Stainer, que occupou importante posição no seu paiz. Nasceu em Londres a 6 de junho de 1840, e aos sete annos entrou para moço do côro na cathedral de São Paulo. Tinha vinte annos quando recebeu o grau de bacharel em musica pela Universidade de Oxford, obtendo no mesmo estabelecimento os logares de organista e *informer choristorum*. Mais tarde obteve successivamente os graus de doutor e *Magister artium*, sendo em 1872 nomeado organista de S. Paulo, lugar muito cubicado e que só occupam musicos de grande reputação. Compoz algumas oratorias e cantatas, mas os seus hymnos religiosos é que se tornaram populares em Inglaterra, sendo principalmente celebre um *Amen*, pequena composição extremamente bella.



Temos á ultima hora a tristissima noticia do fallecimento do considerado maestro Manoel Augusto Gaspar, cuja perda é geralmente sentida.

A *Arte Musical* não podendo prestar n'este numero a condigna homenagem ao distincto artista, limita-se a cumprir o dever de consignar o lamentavel acontecimento, reservando-se para em outro numero, fazer mais largas referencias aos serviços que o illustre extinto prestou á sua Arte.